

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

Daniela Werneck Ladeira Réche

Literatura como alternativa aos meios de comunicação de massa:
Estudo de caso do livro Notícias de um Sequestro, de Gabriel García Márquez.

Juiz de Fora
Fevereiro de 2007

Daniela Werneck Ladeira Réche

Literatura como alternativa aos meios de comunicação de massa:
Estudo de caso do livro Notícias de um Sequestro, de Gabriel García Márquez.

Trabalho de Conclusão de Curso
Apresentado como requisito para obtenção de
grau de Bacharel em Comunicação Social
na Faculdade de Comunicação Social da UFJF

Orientador: Iluska Coutinho

Juiz de Fora
Fevereiro de 2007

Daniela Werneck Ladeira Réche

Literatura como alternativa aos meios de comunicação de massa:
Estudo de caso do livro Notícias de um Seqüestro, de Gabriel García Márquez.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para obtenção de grau de Bacharel em Comunicação Social na Faculdade de Comunicação Social da UFJF

Orientador: Iluska Coutinho

Trabalho de Conclusão de Curso / Dissertação aprovado (a)
em 30/01/2007 pela banca composta pelos seguintes membros:

Prof. Dra. Iluska Coutinho (UFJF) – Orientador

Prof. Dra. Cristina Musse (UFJF) - Convidado

Prof. Mestranda Luciene Tófoli (UFJF) - Convidado

Conceito Obtido _____

Juiz de Fora
Fevereiro de 2007

Aos meus pais, por me ajudarem a descobrir a magia da leitura.

“(…) Admiti que as palavras às vezes servem para confundir as pessoas, mas servem também para esclarecer as questões – do contrário, viveríamos numa Babel. Elas não são apenas um meio, o que importa é a disposição das pessoas, que sempre querem ter razão, sem considerar as razões do outro”.

(GULLAR, Ferreira. Sem razão em Parati. Folha de São Paulo. São Paulo. 20 agosto 2006. Ilustrada, E10).

RESUMO

O presente trabalho é resultado de estudos sobre a utilização da linguagem literária como alternativa para mudanças no jornalismo impresso. A base da pesquisa é a análise do livro-reportagem do escritor, e também jornalista, Gabriel García Márquez. A partir do estudo de *Notícias de um Sequestro* e de sua compreensão como produto híbrido, com características do jornalismo e da literatura, pode-se perceber qual a importância da literatura na produção de matérias jornalísticas, fugindo das fórmulas básicas, aproximando-se mais do público leitor. A principal proposta é apresentar o livro-reportagem como uma alternativa já utilizada e, mais que isso, defender a literatura como poder transformador do jornalismo, que passaria a representar o seu papel como ator atuante nas mudanças necessárias à nossa sociedade. O estudo ainda analisa as características do New Journalism e do Jornalismo Literário e de seu emprego no Brasil. Pretende destacar qual a importância da utilização dessas nuances literárias para que o jornalista seja um intelectual, aquele que exerce o verdadeiro poder fiscalizador, que trabalha de forma ativa para a transformação da sociedade. O trabalho utiliza dois tipos de pesquisa: histórico-bibliográfico, em que se busca dados e informações anteriores sobre tentativas de unir na prática, jornalismo e literatura; e um estudo de caso, com a análise de um livro-reportagem, para corroborar o que será apresentado no desenvolvimento do trabalho: o jornalismo e a literatura apresentam fronteiras muito tênues, o que demonstra a ligação entre os dois campos como opção de mudança do primeiro.

Palavras-chave: Jornalismo Literário, Livro-reportagem, Jornalistas e Intelectuais.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 JORNALISTAS PODEM ATUAR COMO INTELLECTUAIS?	11
3 E A PALAVRA SE FEZ...	16
3.1 ... JORNALISMO	16
3.2 ... JORNALISMO X LITERATURA	18
3.3 ... JORNALISMO E LITERATURA	21
3.4 ... LITERATURA NO JORNALISMO	25
4 SOBRE A BUSCA DE ALTERNATIVAS AO MODELO DA IMPARCIALIDADE NARRATIVA	29
4.1 JORNALISMO LITERÁRIO	34
4.2 O NOVO JORNALISMO NO BRASIL - REVISTA REALIDADE	37
4.3 O LIVRO-REPORTAGEM	41
5 UM OLHAR SOBRE A PRODUÇÃO DE GARCÍA MÁRQUEZ	43
5.1 DESCOBRINDO <i>NOTÍCIAS DE UM SEQUESTRO</i>	46
5.2 A OBRA	48
6 CONCLUSÃO	53
7 REFERÊNCIAS	55

1 - INTRODUÇÃO

...compre um livro engraçado e se ponha a ler na presença do filho, durante o “Jornal Nacional”. Quando chegar uma passagem engraçada ria, ria muito alto. O menino vai perguntar: “Pai, por que é que você está rindo?” É esse livro aqui, meu filho.” “O que é tão engraçado?” “Agora não posso explicar. Não posso interromper a leitura...” O menino fica intrigado. Seu pai está tendo um prazer que ele não tem. Aí o pai leva o livro para o quarto e o deixa sobre o criado mudo. O menino vai lá assuntar...
(ALVES, 2007, p.C2).

Rubem Alves, na passagem citada, propõe uma maneira de estimular a leitura entre as crianças, desde seus primeiros momentos de vida escolar: aguçar a sua curiosidade, tornando a leitura um verdadeiro prazer. O presente estudo vai partir do pressuposto que, assim como a literatura, o jornalismo precisa ser um meio de interesse de toda a sociedade. Precisa-se descobrir novas maneiras de transformar o jornalismo, principalmente o impresso, em poder atuante nos desbravamentos da realidade. O jornalista, mais que mero observador dos fatos e agente de difusão das notícias, como proposto já nos primórdios do jornalismo como empresa, precisa hoje, para a sobrevivência de sua própria função, ser um cidadão ético, apartidário, ouvinte das classes oprimidas, e atuar ainda como voz dos receptores marginais, olhar da massa que se manifesta. Para que possa representar o público, não só o informando, mas ajudando-o a obter mais conhecimento, o jornalista precisa também exercer o papel do intelectual.

Segundo Edward Said (2005), ser intelectual é justamente ser a voz, os olhos e os ouvidos das classes menos favorecidas frente ao poder, expresso de todas as maneiras: econômica, cultural, política e religiosa. Pretende-se analisar, dessa forma, como o jornalista, utilizando-se da linguagem literária, pode se inserir nesse novo contexto como intelectual; como ele pode lutar pela execução do papel do Jornalismo como Quarto Poder, aquele que se mostra como fiscalizador dos demais poderes.

No fundo, o intelectual, no sentido que dou à palavra, não é nem um pacificador nem um criador de consensos, mas alguém que empenha todo o seu ser no senso crítico, na recusa em aceitar fórmulas fáceis ou clichês prontos, ou confirmações afáveis, sempre tão conciliadoras sobre o que os poderosos ou convencionais têm a dizer e sobre o que fazem. Não apenas relutando de modo passivo, mas desejando ativamente dizer isso em público. (SAID, 2005, p. 35-36).

Além de buscar essas relações, pretende-se com o proposto trabalho, refletir também como o jornalista poderia trabalhar para assumir o papel de intelectual. Segundo Antonio Gramsci, citado por Said, ele não seria como professores e administradores, intelectuais que fazem a mesma coisa durante várias gerações. Mas sim, um jornalista como “alguém que não pode ser facilmente cooptado por governos ou corporações, e cuja *raison d'être* é representar todas as pessoas e todos os problemas que são sistematicamente esquecidos ou varridos para debaixo do tapete”. (SAID, 2005, p.26). Dessa forma, a literatura fornece fundamentos para que o jornalista possa se valer de análises mais aprofundadas do que é ser a voz de uma sociedade historicamente oprimida em seus gritos por visibilidade.

Para que o jornalismo ultrapasse suas limitações estruturais e formais (lead, sublead, objetivismo, pirâmide invertida,...), a linguagem literária seria uma força motriz utilizada para fazer rodar as engrenagens do jornalismo interpretativo (a busca pelas grandes reportagens e pelo jornalismo literário), também com uma função intelectual. Para isso, o estudo apresenta uma análise do que foi proposto, nos anos 60, pelo chamado New Journalism, que merece destaque por ter tentado modificar o jornalismo impresso maçante feito até então. De acordo com Edvaldo Pereira Lima, ele representa:

A chance que o jornalismo poderia ter para se igualar, em qualidade narrativa, à literatura, seria aperfeiçoando meios sem, porém jamais perder sua especificidade. Isto é, teria de sofisticar seu instrumental de expressão, de um lado, elevar seu potencial de captação do real, de outro. (LIMA, 2004, p.192).

A partir do estudo de como ocorre a junção entre jornalismo e literatura e de como isso se concretiza em uma nova forma de escrever criticamente, ainda pretende-se estudar um

exemplo concreto em um livro-reportagem, uma extensão da reportagem jornalística com a inserção da literatura.

O livro-reportagem cumpre um relevante papel, preenchendo vazios deixados pelo jornal, pela revista, pelas emissoras de rádio, pelos noticiários da televisão, até mesmo pela *internet* quando utilizada jornalisticamente nos mesmos moldes das normas vigentes na prática impressa convencional. Mais do que isso, avança para o aprofundamento do conhecimento do nosso tempo, eliminando, parcialmente que seja, o aspecto efêmero da mensagem da atualidade praticada pelos canais cotidianos da informação jornalística. (LIMA, 2004, p.4).

O objeto de estudo empírico para a demonstração da importância de se pensar e se escrever integrando as duas grandes vertentes das Ciências Humanas, o jornalismo e a literatura, será a análise do livro-reportagem *Notícia de um seqüestro*, de Gabriel Garcia Márquez.

O interesse da estudante pelo jornalismo em suas nuances literárias, como crônicas e reportagens aprofundadas, e a procura por uma forma de jornalismo diário com características literárias, também é um dos motivos que justificam o presente estudo. Defende-se a aplicação no jornalismo de fundamentos da literatura, não só na forma de escrever, em que as descrições, as narrações, as vozes dos personagens reais fornecem mais representatividade na vida de cada leitor, com as barreiras mais tênues entre os fatos e as palavras. Mais que isso, se propõe a inserção do jornalista naquilo que ele está escrevendo; sua vivência, suas impressões, seus sentimentos são impressos nos seus textos, aproximando-o como pessoa comum, do leitor. Acredita-se que com o presente trabalho, principalmente a partir da análise de um livro-reportagem, poderá constatar que o jornalismo deve-se valer sempre da linguagem literária, para se firmar como forma primeira de comunicação.

No primeiro capítulo, defende-se o jornalista como intelectual e educador, para que dessa forma ele possa atuar em prol da sociedade que representa. Somente dessa forma, o jornalista poderia transformar o modo de fazer jornalístico vigente, sempre preso às estruturas

e aos meios de comunicação. A liberdade criadora, assim com na literatura, sem, contudo deixar de seguir as normas éticas do jornalismo, deveria ser utilizada como alternativa ao fazer jornalístico tradicional.

No segundo capítulo, pretende-se, a partir das características da linguagem literária, descobrir os seus pontos de aproximação e os de distanciamento, para que se possa fazer uma análise mais profunda sobre suas fronteiras.

O terceiro capítulo apresenta algumas características que reiteram a importância da linguagem literária no jornalismo. No quarto capítulo, estuda-se o New Journalism, nos EUA e sua aplicação no Brasil, a partir da experiência da revista Realidade na década de 60. Com a produção de matérias com as bases do Jornalismo Literário, as mudanças buscadas pelo presente estudo seriam alcançadas. Procura-se, também, as características do livro-reportagem e sua utilização como meio literário e jornalístico.

No quinto e último capítulo, faz-se a análise do livro-reportagem *Notícias de um seqüestro*, em busca da confirmação desta importância. Propõe-se, a partir do estudo de caso, defender que a linguagem literária seja aplicada ao jornalismo, como alternativa às práticas atuais.

2 - JORNALISTAS PODEM ATUAR COMO INTELECTUAIS?

Cada intelectual tem uma audiência, um público. A questão é se essa audiência está lá para ser satisfeita, e, conseqüentemente, manter-se feliz, ou se ela existe para ser desafiada, e, portanto, instigada a uma oposição direta ou mobilizada para uma maior participação democrática na sociedade. (SAID, 2005, p.87).

Qual a base de sustentação de uma sociedade? Segundo alguns estudiosos, entre eles Cristovam Buarque, é necessário um pilar chamado educação. Ele afirma que esse é o único caminho para transformar o futuro e criar uma nação sem desigualdades e sem atrasos. Propõe a chamada “Revolução Doce”.

Uma revolução com o lápis substituindo o fuzil; escolas no lugar de trincheiras; professores, em vez de guerrilheiros; que distribua conhecimento, em vez de concentrar capital nas mãos do Estado; que tenha a infância, e não o proletariado, como os portadores do futuro. (BUARQUE, 2006).

A partir daí, cada cidadão poderia ser inserido na chamada verdadeira democracia, na qual a sociedade faz parte do poder e atua como construtora do país. Se não se apreende o que é mostrado, seja através das mídias, seja através do cotidiano, como um indivíduo poderia ser parte integrante do mundo? Como poderia decifrá-lo através do encanto das palavras? Como poderia ler o mundo para que, a partir do seu reconhecimento, crie um novo local para se viver?

Com o presente estudo, pretende-se refletir sobre uma nova forma de fazer jornalismo. Em parceria com educação, ele poderia ser instrumento, auxiliando assim as pessoas a assumirem o papel de atuantes nas mudanças necessárias em nossa sociedade. Uma dessas formas, de acordo com Rogério Christofolletti (2005), seria o jornalista como integrante do “Quarto Poder”, para realmente cumprir a função social de “informar, denunciar, averiguar, comparar, questionar seriam as atividades mais imediatas dos meios de comunicação na tentativa de satisfação de sua missão”.

Mas, além disso, o jornalista deveria ultrapassar esse primeiro estágio, para que não figure como alguém controlado das grandes empresas, podado pelo domínio dos grandes meios de comunicação:

Basta, simplesmente, criar um "quinto poder". Um "quinto poder" que nos permita opor uma força cidadã à nova coalizão dos senhores dominantes. Um "quinto poder" cuja função seria a de denunciar o superpoder dos grandes meios de comunicação, dos grandes grupos da mídia, cúmplices e difusores da globalização liberal. (RAMONET Apud CHRISTOFOLETTI, 2005).

Nesse sentido, os jornalistas, assim como os intelectuais, deveriam agir como agentes das transformações, atendendo aos apelos de representatividade da sociedade. Para isso, é preciso estar além da vaidade da auto-representação; o importante é destacar o que faz parte da realidade, juntamente com seus desdobramentos, para uma comunidade ávida por informações. Vale lembrar dos conceitos de Habermas (2006), para quem “(...) o bom nome de um intelectual, se é que ele existe, não se baseia em primeiro lugar na *celebridade* ou notoriedade, mas em uma *reputação*, que o intelectual deve ter adquirido (...)”.

Contudo, é preciso que se defina o que é o intelectual, que agiria em favor dos interesses públicos, na busca pela educação da sociedade que o cerca. Para Said (2005, p.12), os intelectuais são aqueles “cujo desempenho público não pode ser previsto nem forçado a enquadrar-se num slogan, numa linha partidária ortodoxa ou num dogma rígido”. Para fazer parte desse “grupo”, ainda segundo Said, é preciso um questionamento a respeito do nacionalismo patriótico, do pensamento corporativo e de um sentido de privilégio de classe, raça ou sexo.

Esse estudo defende que o jornalista assuma o papel de intelectual, entendido como aquele que atua, que não se acomoda com a realidade vivida. Para isso, é necessário “um espírito de oposição”.

O interesse e o desafio da vida do intelectual devem ser encontrados na dissensão contra o status quo, num momento em que a luta em nome de grupo desfavorecidos e pouco representados parece pender tão injustamente para o lado contrário a eles. (SAID, 2005, p.16).

O intelectual-jornalista deveria ter sempre em mente que pode viver em um mundo solitário. Said (2005, p.17) afirma que ele pode ser uma voz única frente a uma rede esmagadoramente poderosa dos meios de comunicação, dos governos, das corporações, entre outros. Mas, para que ele seja o poder fiscalizador da sociedade, não poderia se relegar à mera testemunha dos fatos: “É uma condição solitária, sim, mas é sempre melhor do que uma tolerância gregária para com o estado das coisas”.

O jornalista precisaria ser esse poder transformador, para que a figura do *Grande Irmão* não controle e oprima pensamentos e ações:

Dos proletários nada a temer. Entregues a si mesmo, continuarão, de geração em geração e de século em século, trabalhando, procriando e morrendo, sem qualquer impulso de rebeldia, como sem capacidade de descobrir que o mundo poderia ser diferente do que é. Só poderiam ficar mais perigosos se o progresso da técnica industrial tornasse necessário educá-los mais (...) (ORWELL, 1973, p.89).

Mais do que isso, precisaria ser “pedreiro” de uma realidade, para que assumisse o papel de educador, e não de um simples “jogador” de palavras para seu público. A mudança, a princípio, de certos conceitos que norteiam o jornalismo, como a “ditadura da imparcialidade”, seria necessária. Mas, é importante que se estabeleça uma diferença fundamental no fazer profissional, que incorpora o entendimento do jornalista como um indivíduo engajado em seu modo de fazer jornalístico. Esse estudo não pretende afirmar que o jornalista deve agir como defensor de ideais de certos grupos ou pessoas do poder. Segundo o Manual de Redação da Folha

o engajamento em organizações político-ideológicas pode prejudicar o desempenho profissional do jornalista, em especial daquele que cobre a área política. (...) ele deve ter sempre em mente que o envolvimento partidário pode torná-lo vulnerável a

paixões, parcialidade, falta de espírito crítico e mesmo ingenuidade. (MANUAL, 2005, p.40).

Defende sim, o jornalista atuando em função do bem comum, da sociedade a qual representa; não apenas apurando e informando, mas, acima de tudo, formando cidadãos conscientes.

Para isso, ele não pode ser apenas mais uma pessoa que detém o poder de palavra. Ele deve estar além do que as palavras significam, passando a ser um indivíduo, de acordo com Said (2005, p.25), “dotado de vocação para representar, dar corpo e articular uma mensagem, um ponto de vista, uma atitude, filosofia ou opinião para (e também por) um público”.

Lemos destaca ainda que também é preciso

acabar como um tabu da imprensa brasileira contemporânea. O de que o jornalista não pode ter opinião e consciência política. O repórter não é um desinteressado cronista de fatos. Deve-se ter opinião com consciência, para que os acontecimentos possam ter, na mente do jornalista, terreno propício e fértil para se transformarem em notícias. (LEMOS, 1992, p. 62).

Nos limites dessa monografia, a alternativa proposta para a consolidação do perfil de um jornalista-intelectual, é a reflexão sobre as possibilidades do jornalismo literário. Esse modelo (um dos tipos de jornalismo em profundidade) utiliza a prática de reportagens, grandes-reportagens e do ensaio jornalístico, diferente do jornalismo convencional, que seria limitado por uma estrutura rígida, fundamentada pela utilização do lide. Antes disso, seria preciso voltar às origens do que foi o jornalismo literário que, de acordo com Seabra (1997), começa com o surgimento da imprensa, em 1808, e vai até o final do século XIX, aproximadamente. Assim, seria possível deixar de ver e trabalhar o jornalismo como empresa e passar a apresentá-lo como meio ideológico-intelectual.

O jornalismo opinativo e ideológico, segundo Breguez, ou literário, como chamamos aqui, é fruto de um momento histórico em que a imprensa ainda não era vista como empresa capitalista, mas, antes, como instrumento de luta política ou de embate de ideais estéticos. Segundo Benjamin Constant, um dos “fundadores” da República brasileira, a imprensa seria uma “tribuna ampliada”, caracterizando seu compromisso doutrinário e seu engajamento ideológico. (SEABRA, 1997, p. 34).

Dessa forma, o jornalista passaria a refletir os acontecimentos do mundo e mostrá-los a seus leitores, para que eles possam, a partir de suas predisposições, captar e apreender o que lhes for considerado o mais certo. Poderia, assim, ser considerado intelectual:

um indivíduo com um papel público na sociedade, que não pode ser reduzido simplesmente a um profissional sem rosto, um membro competente de uma classe, que só quer cuidar de suas coisas e de seus interesses. (SAID, 2005, p. 25).

Said afirma que, se os jornalistas tiverem como principais objetivos sempre falar a verdade, e fazer uma análise profunda do estado das coisas, relacionando-o com mais rigor a um conjunto de princípios morais – paz, reconciliação, diminuição de sofrimento – e aplicada aos fatos conhecidos, poderiam transformar o modo vigente de jornalismo hoje. Assim, mudariam algumas concepções de jornalistas como meros “reprodutores de notícias”: “O jornalismo consiste basicamente em dizer ‘Lord Jones morreu’ para pessoas que nunca souberam que Lord Jones estava vivo”.

3 - E A PALAVRA SE FEZ...

Louvai ao Senhor, livro meu irmão, com vossas letras e palavras, com vosso verso e sentido, com vossa capa e forma, com as mãos de todos que vos fizeram existir, louvai ao Senhor.

(Da imitação do “Cântico das criaturas” de São Francisco de Assis, a quem devo a graça deste livro). (PRADO, 1979, p.15).

A palavra é a chave para o entendimento da relação entre jornalismo e literatura.

Segundo Menezes (1997), algumas características do modo de se fazer jornalismo

reforçam a opinião daqueles que, como Alceu Amoroso Lima, consideram o jornalismo como gênero literário. Uma das definições de literatura que mais transitam, é aquela, segundo a qual, ‘literatura é a arte que se exprime por meio da palavra falada ou escrita’. Alceu Amoroso Lima admite conceituação mais sucinta: ‘Literatura é a arte da palavra’. (MENEZES, 1997, p.17).

Não se pode definir, *a priori*, nenhuma das duas práticas. De acordo com a definição de Menezes (1997, p.18), “o jornalismo significa todas as formas nas quais e pelas quais a notícia, a informação e os comentários chegam ao público”. Mas, isso seria uma forma de simplificação do papel do jornalista. Segundo a proposta deste estudo, ele precisaria ir muito além do fato, da informação, para que possa ser o intelectual, o analista das questões que fazem parte da realidade. Antes disso, porém, é preciso entender algumas definições do que é jornalismo e literatura. Só assim, as características que os aproximam e as que os distanciam poderiam ser encontradas.

3.1 - ... JORNALISMO

A princípio, define-se o jornalista como

(...)um homem da notícia. Seu comentário sobre o acontecimento não é como o do poeta, ou do romancista, ou do sociólogo: um estudo do fato em si ou para exprimir, num poema ou num relato. O jornalista leva o fato ao conhecimento do público. Informa. Comunica. (LIMA, 1969, p.46).

Sabe-se que a percepção crítica do jornalismo começou a crescer, principalmente na década de 90, com o impeachment do presidente da República em 1992. O público que consumia a informação passou a observar mais criticamente a função dos jornalistas e também dos meios de comunicação. Com isso, muitos veículos e seus profissionais, que há pouco saíam da “clandestinidade” da ditadura foram acusados de serem superficiais e, muitas vezes, assumirem uma postura pessimista, já que só se importariam com o “furo de notícias pelo furo”, sem preocupação com essa linha destrutiva.

Na perspectiva de produção de um jornalismo mais analítico e didático, o Manual de Redação da Folha estabelece que

(...) em meio à balbúrdia informativa, a utilidade dos jornais crescerá se eles conseguirem não apenas organizar a informação inespecífica, aquela que potencialmente interessa a toda pessoa alfabetizada, como também torná-la mais compreensível em seus nexos e articulações, exatamente para garantir seu trânsito em meio à heterogeneidade de um público fragmentário e dispersivo. (MANUAL, 2005, p. 15).

O jornalista precisaria, dessa forma, ser formador, para que não assumisse, segundo Lima (1969, p.47-48) o papel de “jornalista medíocre” aquele que “informa por informar”. Ele não poderia agir como um “pequeno jornalista, ou noticiarista, [que] leva a notícia ao próximo” ou “o jornalista que comenta-a e leva a notícia acrescida da sua apreciação”. Deveria ser “o grande jornalista [que] informa e forma. Cria e orienta a opinião pública. E nisso representa um papel na coletividade, e faz do jornalismo, mais ainda que em suas raízes, uma **arte social** por excelência”.

Seria, assim, o verdadeiro intelectual, “aquele que é a voz, os olhos e os ouvidos das classes menos favorecidas frente ao poder, expresso de todas as maneiras: econômica, cultural, política e religiosa”. (SAID, 2005, p.47).

Como se pretende destacar as confluências e distanciamentos do jornalismo e literatura, busca-se a análise, em primeiro lugar, do jornalismo como narrativa. Para isso, o estudo de um livro-reportagem se faz necessário porque

o livro-reportagem é parte do mundo do jornalismo, mas possui sua autonomia, que exatamente lhe possibilita experimentações impraticáveis nas redações dos veículos periódicos. Por isso, penetra num território novo, podendo transcender o jornalismo – pelo menos na sua concepção mais conservadora – gerar um novo campo, que os norte-americanos já denominam literatura de realidade. Nesse sentido, o livro-reportagem de grande envergadura é potencialmente um veículo multidisciplinar de comunicação capaz de integrar elementos do jornalismo, da literatura, da antropologia, da sociologia, da história, da psicologia (LIMA, 2004, p. XIV e XV).

Assim, o jornalismo feito como narrativa poderia ser inserido em seu papel primordial (na proposta do estudo) de ser formador; passaria a ter as características inerentes a um jornalismo dito ideal. “Todo texto se converteria assim num mosaico de citações e absorção e transformação de outros textos, consciente ou inconscientemente aproveitados pelo escritor”. (PROENÇA Filho, 1997, p. 71).

3.2 - ... JORNALISMO X LITERATURA

Segundo Coelho, a literatura

é Arte, é um ato criador que por meio da palavra cria um universo autônomo, onde os seres, as coisas, os fatos, o tempo e o espaço, assemelham-se aos que podemos reconhecer no mundo real que nos cerca, mas que ali – transformados em linguagem – assumem uma dimensão diferente: pertencem ao universo da ficção. (COELHO, 1976, p.23).

Desde os primórdios da escrita, o conceito de literatura atravessou profundas modificações, conforme as convenções narrativas de cada período. De acordo com as concepções de Coelho, a literatura como ficção só passou a ser entendida a partir do século XIX, na fase do Romantismo. Na Renascença, a literatura era apenas utilizada para distinguir os textos seculares dos religiosos. A busca por uma distinção entre o que era real e ficcional constitui a base do romance moderno. Segundo Sandra Vasconcelos

Nos seus estágios iniciais, o romance se apresentava como uma forma ambígua, uma ficção factual que negava sua ficcionalidade e produzia em seus leitores um sentimento de ambivalência quanto a seu possível conteúdo de verdade. Essa indiferenciação teria que ser desfeita para que as narrativas factuais pudessem se distinguir das ficcionais(...): o jornalismo e a história, de um lado, e o romance, do outro. (VASCONCELOS apud COSTA, 2005, p.293)

Algumas características são próprias da literatura e isso ajuda a estabelecer algumas diferenças com o modo de se fazer jornalismo. Uma delas é o envolvimento na análise dos acontecimentos. Enquanto o jornalista, segundo Lima, teria que viver no meio dos acontecimentos, em pleno fluxo vital,

o poeta ou o romancista, o teatrólogo ou o biografista podem ou mesmo devem trabalhar na solidão, no arredamento dos fatos, pois a participação nestes perturba, provavelmente, a sua visão mais profunda(...) É nadando que [o jornalista] poderá informar sobre as ondas. Ao passo que um romancista dirá melhor sobre elas **sobrenadando-as** ou mesmo sobrevoando-as (LIMA, 1969, pág 47).

Mas, muitos autores como Costa (2005, p.229), afirmam que “o principal critério de distinção entre textos ficcionais e não ficcionais, (...) é a realidade”. Isso faz com que o texto literário se distancie do jornalismo, já que este se baseia na realidade, sem a transformar em pura forma de ficção, como muitas vezes a literatura está inserida. Ela destaca a informação publicada na revista Nieman Reports, que, mesmo o jornalismo se utilizando da linguagem literária, não poderia deixar de seguir o “mandamento” que fundamenta a imprensa em geral.

Nenhum repórter deveria adicionar a uma matéria eventos ou detalhes que não ocorreram de fato. Nem uma reportagem deveria intencionalmente fazer o público de bobo. Um contrato implícito existe entre repórter e leitor de que uma verossímil versão da realidade está sendo apresentada, com cuidado e honestidade. (NIEMAN REPORTS apud COSTA, 2005, p.272).

Uma outra característica apontada é a forma de uso da linguagem. Ainda segundo a autora, o jornalismo enfatiza o seu aspecto utilitário, com uma linguagem voltada para a compreensão do leitor, e também a sua transparência. Já a literatura, de acordo com Lima

está, até então, basicamente interessada na escrita. Mesmo quando representa o real, pela ficção, a factualidade concreta, efetiva – de acontecimentos, personagens e ambientes perfeitamente existentes e nominados, no espaço social verdadeiro – não é, na maioria dos casos, o item primordial (LIMA, 1969, p. 178).

Algumas diferenças são claras, mas ainda não podemos estabelecer limites entre as duas práticas. Segundo Zuenir Ventura

o jornalismo não é o território da verdade, há sempre subjetividade, recriação. (...) O mito da objetividade foi muito bom (...) porque livrou o jornalismo do nariz-de-cera e da mentira (o que era pior, o jornalista não dizia que estava mentindo, inventava, dizendo que estava falando a verdade). Mas, num segundo momento, o mito foi ruim porque fez o jornalista acreditar que poderia ter esse nível de objetividade. Lembrome de uma frase de Godard dizendo que a câmera pode ser de esquerda ou de direita. Se uma máquina pode ser a favor ou contra, só mudando o ângulo, imagine o que não se pode fazer com a linguagem, que está encharcada de nossa subjetividade. (VENTURA apud COSTA, 2005, p.286).

Essa diferenciação se torna difícil já que para a produção de textos literários, não estão em jogo somente as características da imaginação do autor. A realidade se mostra presente, principalmente com a percepção dos diversos gêneros e períodos literários que levam em conta. De acordo com Coelho, o fazer literário possui uma estreita relação com problemas das mais diversas naturezas (estéticos, éticos, filosóficos, sociais, etc.). Isso impede a existência de uma única interpretação objetiva, nítida e indiscutível acerca do que vem a ser literatura.

Hoje em dia, de acordo com Compagnon (2001), a literatura é quase tão liberal quanto as belas-letras¹ antes da profissionalização da sociedade. Destaca que ela já pode ser chamada de paraliteratura, pois possui uma extensão vasta, dos clássicos escolares à história em quadrinhos.

Com a inserção da literatura no conceito de prática interdisciplinar, essa poderia ser objeto de estudo, segundo Eneida Maria de Souza (2002) “capaz de suscitar questões de ordem teórica ou de problematizar temas de interesse atual, sem se restringir a um público específico”. Isso mostra que a realidade está presente também na literatura, não podendo mais ser considerada prática inteiramente de ficção, como nos seus primórdios.

3.3 - ... JORNALISMO E LITERATURA

Será que seria possível dizer que, a partir da utilização da linguagem literária no jornalismo, esse poderia ser transformado? Partindo do princípio de que a literatura e o jornalismo apresentam fronteiras tênues, desde os primórdios da escrita, a resposta para a questão é sim. A alternativa defendida no presente estudo é que, com a utilização da palavra, fonte geradora do fazer literário e do jornalismo, poderia-se mudar as estruturas do jornalismo do século XXI.

Segundo Lima (1969, p.23), “enquanto o jornalismo utilizar a palavra como simples utilidade, então será tampouco a literatura (...). Jornalismo só é literatura, enquanto empregar a expressão verbal com ênfase nos meios de expressão”.

Contudo, deve-se ressaltar que não seriam consideradas quaisquer palavras e suas utilizações capazes de mudar o jornalismo. A palavra deve ser vista como inserida em um contexto em que as características da linguagem literária (figuras de linguagem, narrador em

¹ Segundo Compagnon, belas-letras são aquelas que “compreendiam tudo o que a retórica e a poética podiam produzir, não somente a ficção, mas também a história, a filosofia e a ciência, e, ainda, toda a eloquência.”

1ª pessoa, fluxos de pensamento, descrição, clímax, diálogo, entre tantos outros) estejam presentes. É nesse sentido que o texto poderia ser entendido como um novo texto jornalístico e, assim, como uma mudança no fazer jornalístico.

O interessante é que mesmo que se perceba a interdisciplinaridade da literatura e do jornalismo, ainda é difícil entender os limites entre as duas práticas². De acordo com Souza

por transitar entre discursos e funcionar como referência constante para a construção de objetos teóricos de outras disciplinas, o discurso ficcional está mais vivo e presente. (...) Sem um lúcido diálogo sobre a relação que atualmente se pratica entre os meios de comunicação de massa, a indústria cultural e uma economia de mercado, torna-se impossível delimitar qualquer lugar específico conferido aos discursos (...) (SOUZA, 2002, p. 24).

Buscando uma convergência mais explícita com a literatura, para transformação do jornalismo diário, Menezes afirma que esta apresenta marcas específicas como a informação, a atualidade, a objetividade e o estilo. Assim, de acordo com Lima, o jornalista precisa ter em mente que é importante trabalhar no do plano perecível, do temporal e viver o cotidiano efêmero, o que passa, e sabe, se realmente o for de verdade, poderá perceber a nota típica, diferencial e única.

Mas, também na literatura, a forma de escrever está sempre em movimento, “cada obra nova provoca um rearranjo de tradição como totalidade (e modifica, ao mesmo tempo, o sentido e o valor de cada obra pertencente à tradição)”. (COMPAGNON, 2001, p.24). Portanto, literatura e jornalismo, mesmo nas partes em que parecem ser divergentes, se completam, na medida em que os dois campos estão sempre em movimento e pretendem buscar a forma de expressão de uma sociedade.

² No estudo, a posição defendida é que os limites entre os dois campos não devem ser estabelecidos, já que procura-se refletir sobre a confluência entre eles. Essa seria a alternativa para o ressurgimento (já que essa prática jornalística já foi utilizada, na década de 60 no Brasil) de um jornalismo engajado.

As fronteiras entre jornalismo e literatura sempre foram muito sutis, ou quase inexistentes. Segundo Menezes

(...)o jornalismo começou quando o homem aprendeu a escrever a intervalos regulares. É esse o elemento de periodicidade que se destaca como característica básica do jornal e o distingue do mero escrito esporádico, mesmo em se tratando de assuntos atuais. Relembremos ainda serem as *Acta Diurna* (Atas diárias) uma das mais antigas publicações. Através delas se fazia a cobertura dos acontecimentos, então correntes entre os romanos.(MENEZES, 1997, p. 12)

Complementando o já citado por Menezes, Costa ainda afirma que os mais antigos antecessores do jornal podem ser os *Acta Diurna populi romani*, de 69 A.C. Esses diários que, originalmente divulgavam as atas do Senado do Império Romano, pouco a pouco teriam se tornado “folhas linguarudas” em que a população tinha notícia dos mais variados assuntos, de casamentos e divórcios a rixas, incêndios, bancarrotas e espetáculos.

Ainda segundo a autora, todos se esquecem que a atividade literária e jornalística

começaram juntas no Brasil, em 1808, quando finalmente foi permitida a publicação de impressos, com a vinda da Coroa Portuguesa. E também que a primeira [o jornalismo] se beneficiou enormemente da segunda [a literatura] para sua difusão, em forma de folhetim, durante todo o século XIX e o início do século XX. (COSTA, 2005, p. 14)

De acordo com Edvaldo Lima, Machado de Assis pode ser considerado um exemplo de jornalista que se tornou escritor, demonstrando mais uma vez que a arte literária e o fazer jornalístico bebem da mesma fonte, a palavra. Ele começou a trabalhar como aprendiz de tipógrafo e revisor de jornal, ao mesmo tempo em que começava sua carreira de escritor. Até o final do século XIX, trabalharam em jornal outros escritores como Manuel Antônio de Almeida (autor de *Memórias de um sargento de milícias*), José de Alencar (*Iracema*), Gonçalves Dias, Joaquim Manuel de Macedo, entre outros.

Os pioneiros do jornalismo seriam, segundo Costa, os bardos viajantes, que explicavam os acontecimentos do dia nas feiras, mercados e cortes, na Idade Média. Mas,

como esses “jornalistas” não tiveram seu papel reconhecido, destaca que os primeiro repórteres foram os correspondentes de viagens e terras distantes, como Pero Vaz de Caminha e José de Anchieta.

De qualquer forma, a relação entre as duas ciências não pode ser negada.

No início, era o jornalismo inspirando-se na literatura. Depois, era a literatura alimentando-se do jornalismo. A permeabilidade sistêmica interativa dos sistemas de um mesmo ambiente: aproxima-se, interage, afasta-se, afeta-se, transforma-se mutuamente. (LIMA, 2005, p.188)

Lima (2005, p.175-176) destaca o porquê das duas ciências possuírem limites e características que se interceptam em vários “pontos”, levando muitas vezes à uma confusão conceitual. Segundo ele, o ser humano (e, por consequência, suas criações) parece pouco propenso à mergulhar no que é novo e revolucionário.

O autor ainda explica que, a partir da definição da Teoria Geral dos Sistemas, pode-se chegar a conclusão de que as realidades “antigas” nunca são abandonadas para a criação das novas com suas peculiaridades.

A base de partida do raciocínio é o conceito de ordem hierárquica, princípio sob o qual se agrupam níveis de diferentes sistemas interligados. A conectividade entre eles acontece por uma troca na qual certas funções de um e de outro sistema interagem. Quando um sistema novo surge, seu funcionamento é sensivelmente demarcado pela conectividade quase totalmente dependente que estabelece um ou mais sistemas com os quais interage amiúde. (LIMA, 2005, p.176)

Afirma que jornalismo e literatura se aproximam desde o momento histórico em que a imprensa surgiu e se apresentou de uma forma moderna e industrial, a partir da última metade do século XIX. Para o autor, a literatura e a imprensa não apresentam limites até o princípio do século XX, quando o Rio de Janeiro, capital federal, começa a se modernizar. Os jornais, que antes estavam abrindo espaço para o fazer literário, na divulgação de folhetins e

suplementos literários de vários escritores, passam a ser “camaleões”: “transforma –o (o fazer literário), dá-lhes aproveitamento direcionado e outro fim” (LIMA, 2005, p. 178).

De acordo com Nelson Werneck, citado por Lima, algumas alterações são introduzidas nos jornais: “a tendência ao declínio do folhetim, substituído pelo columnismo e, pouco a pouco, pela reportagem; a tendência para o predomínio da informação sobre a doutrinação; o aparecimento de temas antes tratados como secundários”.

Mas, nem por isso, a confluência deixou de existir, quando pensamos na evolução do jornalismo e nas mudanças que se fazem necessárias para a construção de uma nova realidade. Segundo o crítico Boris Schnaiderman, em entrevista à Edvaldo Lima, não existe uma barreira intransponível entre jornalismo e literatura.

Ora, literatura e jornalismo estão tão próximos, tão ligados. O jornalismo apropria-se das técnicas da literatura e vice-versa. O jornalismo tem dado maior vivacidade à literatura moderna. Qualquer reportagem bem-feita tem elementos literários. O Graciliano Ramos³ é uma lição de boa literatura e uma lição de jornalismo. Porque o literário não é apenas o ornamento. (...) o bom jornalismo é literatura. Em termos modernos, a literatura e o jornalismo são vasos comunicantes, são formas diferentes de um mesmo processo. (SCHNAIDERMAN apud LIMA, 2005, p.179)

Segundo o Manual de Redação da Folha de São Paulo (2005, p.14), uma das grandes questões hoje, dentro do jornalismo, é como “praticar um jornalismo mais interessante (pois há queixas também nessa direção) e ao mesmo tempo mais ponderado?” Também é necessário que se verifique e se encontre respostas para que se aprenda “como aprofundar os enfoques sem perder a necessária vivacidade jornalística?”.

3.4 - ... LITERATURA NO JORNALISMO

³ Segundo o crítico, Graciliano Ramos explorou a confluência entre as linguagens no livro Memórias do Cárcere, em que a fronteira entre jornalismo e literatura não apresenta uma demarcação.

Tratava-se de saber de fato se as metáforas, e os jogos de palavras, e os enigmas, que todavia parecem imaginados pelos poetas para puro deleite, não induzem a especular sobre as coisas de modo novo, e surpreendente, e eu dizia que também está é uma virtude que se requer de um sábio... (ECO, 1983, p.103)

Proença Filho (1997) destaca que a linguagem literária – concretização de uma arte, a literatura – é marcada por uma organização peculiar. Qualquer tipo de arte é uma das maneiras de o homem se utiliza para conhecer a realidade. Ela apresenta uma multissignificação; não depende somente da intenção do autor ao escrever a obra, mas de todo um contexto no qual vive o seu receptor.

A obra vive a sua vida. Aliás, a significação total de uma obra não pode ser definida simplesmente nos termos de sua significação para o autor e seus contemporâneos (a primeira recepção), mas deve, de preferência, ser descrita como o produto de uma acumulação, isto é, a história de suas interpretações pelos leitores, até o presente. (COMPAGNON, 2001, p. 82).

O conceito de Compagnon também poderia ser aplicado ao jornalismo, na medida em que o receptor, a partir de sua própria realidade e contexto, apreende o relato jornalístico, fazendo parte do processo de acumulação de interpretações.

De acordo com Paul Ricoeur, no discurso escrito, a relação entre a intenção do autor e o texto escrito por ele (e repassado aos leitores) se distancia, já que o leitor se mostra parte essencial na teia da comunicação, observada na literatura e também no jornalismo.

Não que possamos conceber um texto sem autor: o elo entre o locutor e o discurso não é abolido, mas distanciado e complicado [...]; o percurso do texto escapa ao horizonte finito vivido pelo seu autor. Aquilo que o texto diz importa mais do que aquilo que o autor quis dizer. (RICOUER apud COMPAGNON, 2001, p.83).

É importante também a distinção entre significação e sentido, para que se possa explicar como a linguagem de um texto literário, em constante movimento, pode ser aplicada ao texto jornalístico. Em Compagnon, o sentido representa o que permanece estável na recepção de um texto; ele responde à questão: “O que quer dizer este texto?”. Já a significação

correspondente ao que muda na recepção do mesmo texto e responde à pergunta: “Que valor tem este texto?”: “O sentido é singular; a significação, que coloca o sentido em relação a uma situação, é variável, plural, aberta e, talvez, infinita”.

Para que se compreenda como a linguagem literária poderia atender ao texto jornalístico, é importante que se utilize neste certas figuras de linguagem. Essas seriam formas de transcender a linguagem objetiva, própria do jornalismo. LIMA, Amoroso (1969) destaca que o jornalismo deve utilizar a palavra mais do que simples forma de comunicação, já que tudo é literatura a partir do momento em que seu meio de expressão, a palavra tenha ênfase no seu valor de beleza.

Para isso, uma sugestão poderia ser a estilística que, de acordo com Cipro Neto (1998), se utiliza da linguagem como meio de exteriorização de dados emotivos e estéticos. Seria essencial que essa linguagem fosse utilizada, pois ela representa

processos de manipulação da linguagem que permitem a quem fala ou escreve mais do que simplesmente informar – interessam principalmente as possibilidades em sugerir conteúdos, emotivos e intuitivos por meio das palavras e da sua organização. (CIPRO, 1998, p.571).

Alguns recursos fonológicos, morfológicos e semânticos poderiam ser aplicados à linguagem jornalística para promover a expressividade e transformação dessa também em forma de arte.

Por exemplo, poderia-se utilizar os sons da língua, que transmitem sugestões e conteúdos intuitivos. Um desses é a onomatopéia, que reproduz lingüisticamente sons e ruídos do mundo natural, já utilizados largamente no rádio e na televisão. Nesses, já se percebe a aproximação com a realidade, o que no jornalismo impresso ainda é uma barreira. A utilização da morfologia também poderia ser uma alternativa. Essa seria caracterizada, principalmente, a partir do uso de sufixos aumentativos e diminutivos para exprimir conteúdos afetivos, muitas vezes não relacionados somente com a dimensão física.

Mas, os recursos literários mais utilizados no jornalismo, sobretudo em textos de Tom Wolfe no New Journalism, são os semânticos. Merecem destaque algum deles: a metáfora, quando uma palavra passa a designar alguma coisa com a qual não mantém nenhuma relação objetiva; a metonímia, palavra utilizada para designar alguma coisa com a qual mantém relação de proximidade; a hipérbole, exagero intencional da expressão; a ironia, utilização de palavras que devem ser compreendidas no sentido oposto do que aparentam transmitir; a personificação, atribuição de características de seres animados a seres inanimados ou características humanas a seres não-humanos, entre outros.

Outros aspectos próprios da literatura, mas que são utilizados em larga escala pelo jornalismo literário e pelo New Journalism, são as caracterizações de personagens, foco narrativo (narrador onisciente, narrador personagem), espaço, tempo, ação narrativa, estilo, ironia, diálogos, fluxos de pensamento, descrição, clímax, citações diretas, dramatização, envolvimento do leitor e início do texto com imagens estáticas, movimentadas ou discursivas.

A partir da análise de um livro-reportagem, no presente estudo, serão observados os recursos da linguagem literária utilizados, de uma forma mais pormenorizada.

4- SOBRE A BUSCA DE ALTERNATIVAS AO MODELO DA IMPARCIALIDADE NARRATIVA

“Gostava da idéia de começar uma história deixando o leitor, via narrador, falar com os personagens, intimidá-los, insultá-los, provocá-los com ironia ou condescendência, ou seja lá o que for. Por que o leitor teria de se limitar a ficar ali quieto e deixar essa gente passar num tropel como se sua cabeça fosse a catraca do metrô?” (WOLFE, 2005, p.31).

Uma das formas de aproximação entre jornalismo e literatura, já ocorridas na história, foram as experiências de narração jornalística que utilizavam a linguagem literária. Essas foram observadas no New Journalism, que teve o seu ápice de expressão na década de 60 e 70, nos EUA. Os jornalistas perceberam que poderiam elevar seu potencial no processo de captação do real, a partir da narração, diferenciando a forma de expressão do jornalismo diário, transformando o modo de fazer jornalístico. Segundo Tom Wolfe, o jornalismo precisaria ser renovado, já que

os leitores choravam de tédio sem entender por quê. Quando chegavam àquele tom de bege pálido, isso inconscientemente os alertava de que ali estava de novo aquele chato bem conhecido, “o jornalista”, a cabeça prosaica, o espírito fleumático, a personalidade apagada, e não havia como se livrar do pálido anãozinho, senão parando de ler. (WOLFE, 2005, p.32).

Não se pode afirmar que o New Journalism foi a primeira forma de expressão desse novo modo de “fazer jornalismo”. Ele foi considerado como uma renovação do Jornalismo Literário, que tinha como características reportagens de profundidade, a partir da utilização de recursos de observação e redação retirados da (ou inspirados pela) literatura. Os seus traços básicos, de acordo com o site Texto Vivo, são imersão do repórter na realidade, voz autoral, estilo, precisão de dados e informações, uso de símbolos (inclusive metáforas), digressão e humanização.

O New Journalism é caracterizado pela introdução de novas técnicas narrativas (fluxo de consciência e ponto de vista autobiográfico), grande exposição pública e popularidade, reivindicação de qualidade equivalente à literatura. Ainda segundo o site, ele foi abundantemente praticado em revistas de reportagem especializadas em Jornalismo Literário, publicações alternativas, livros-reportagem e até mesmo em veículos da grande imprensa.

Wolfe, um dos precedentes dos “novos jornalistas”, afirma que essa foi uma maneira encontrada de fazer voltar o interesse dos leitores pelo jornalismo, de uma maneira geral. O autor destaca que, entre 1963 e 64, escrevia para o suplemento de domingo do jornal New York. Esses, apesar de estarem acima da tiragem do jornal diário, se mostravam como periódicos muito fracos, do ponto de vista de venda.

Os leitores não sentiam nenhuma culpa em deixa-los de lado [os suplementos], jogá-los fora ou nem olhar para eles. Nunca hesitei em experimentar qualquer recurso concebível capaz de reter de algum modo o leitor por mais alguns segundos. Eu tentava berrar bem no ouvido dele: *Fique aqui!*... O suplemento dominical não era lugar para almas tímidas. Foi assim que comecei a brincar com o recurso do ponto de vista. (WOLFE, 2005, p.28).

Edvaldo Pereira Lima, em texto publicado no site Jornalite, afirma que:

O new journalism americano foi a manifestação de um momento do Jornalismo Literário. Isso quer dizer que o JL, enquanto forma de narrativa, de captação do real, de expressão do real já existia antes e continua existindo após o new journalism, que foi só uma versão específica do JL, mas uma versão radical quando comparada à anterior, principalmente, no que se refere à capacidade do narrador se envolver com o universo sobre o qual vai escrever. (LIMA apud CZARNOBAI, 2003)

O Novo Jornalismo apresenta uma nova forma de se fazer jornalístico com a introdução de aspectos típicos da construção literária. Wolfe afirma que o progresso dessa “nova” forma está diretamente relacionada às técnicas do realismo social do séc XIX, especialmente com as obras de Balzac e Dickens. Ela se caracterizou pelas detalhadas pesquisas de campo que os autores realizavam antes de começar a produção do livro. As

histórias deles nasciam da observação minuciosa da realidade. Por exemplo, o escritor inglês Charles Dickens pesquisava a linguagem, os tipos humanos e os costumes de pessoas pertencentes às classes marginalizadas para produção de seus livros. Já o francês Honoré de Balzac descrevia detalhadamente os locais em que eram ambientadas suas histórias. Isso foi aplicado diretamente nas reportagens feitas pelos novos jornalistas. Segundo Gay Talese,

New journalism (ou narrative writing, que seja) quer dizer apenas escrever bem. É um texto literário que não é inventado, não é ficção, mas que é narrado como um conto, como uma seqüência de filme. É como um enredo dramático digno de ser levado aos palcos e não apenas um amontoado de fatos, fácil de ser digerido. (TALESE apud CZARNOBAI, 2003)

Os recursos principais para a produção de reportagens com aspectos do romance realista como seu imediatismo, sua realidade concreta, seu envolvimento emocional, sua qualidade absorvente ou ‘fascinante, segundo o grande expoente do New Journalism, baseavam-se em quatro pilares:

1 – “O básico era a construção cena a cena, contar a história passando de cena para cena e recorrendo o mínimo possível à mera narrativa histórica (...) para poder testemunhar de fato as cenas da vida de outras pessoas no momento em que ocorriam – registrando o diálogo completo, o que constituía o recurso número 2.

2 – Os jornalistas trabalhavam o diálogo em sua mais plena e mais completamente reveladora forma (...) o diálogo realista envolve o leitor mais completamente do que qualquer outro recurso. Ele também estabelece e define o personagem mais depressa (...)

3 – (...) ponto de vista da terceira pessoa, a técnica de apresentar cada cena ao leitor por intermédio dos olhos de um personagem particular, dando ao leitor a sensação de estar dentro da cabeça do personagem(...) Mas, para mostrar o que a outra pessoa estava realmente pensando, somente com a utilização da entrevista dos sentimentos, apresentando um maior grau de subjetividade ao texto.

4 – Trata-se do registro dos gestos, hábitos, maneiras, costumes, estilos de mobília, roupas, decoração (...) e outros detalhes simbólicos do dia-a-dia que possam existir dentro de uma cena. Mas, o que seriam esses simbolismos? (...) o sentido amplo de todo o padrão de comportamento e posses por meio do qual a pessoa expressa sua posição no mundo ou o que ela pensa que é o seu padrão ou o que gostaria que fosse.” (WOLFE, 2005, p.53-55).

Para ele, esses seriam os recursos básicos para a construção de um texto jornalístico que se aproveitaria (e aumentaria seu poder de estimulação e interesse dos leitores) de recursos próprios de textos literários. Seria necessária também a utilização de características da escrita como o uso exuberante de pontos, travessões, pontos de exclamação, itálicos e, ocasionalmente, pontuações que nunca existiram antes:..... e de interjeições, gritos, palavras sem sentido, onomatopéias, mimeses, pleonasmos, o uso contínuo do presente histórico.

Sérgio Vilas Boas também apresenta algumas definições da escrita dos novos jornalistas.

Inseriam diálogos - sim, com travessões e tudo. Faziam descrições minuciosas - de lugares, feições, objetos etc. Alternavam o foco narrativo: o narrador podia ser observador onipresente, testemunha e/ou participante dos acontecimentos. Além disso, podiam penetrar na mente dos seus personagens reais, reconstituir seus pensamentos, sentimentos e emoções com base em pesquisas e entrevistas verdadeiramente interativas. (BOAS apud CZARNOBAI, 2003).

Segundo Joaquim Ferreira dos Santos

O Novo Jornalismo, como qualquer repórter da editoria de Cidade, vai ao local. Pega táxi. Puxa do caderninho, sua canequinha da humildade, e mendiga informação. Mas sabe que ainda é pouco. De nada valeria a Tom Wolfe, por exemplo, estar no quarto de Bernstein. A cena que interessava, como vimos, não se passava ali. O lide da matéria estava no delírio, estava no negro, na guitarra e no piano, todos freudianamente escondidos na cabeça do maestro. (WOLFE, 2005, p.236).

Para o autor, a diferença de um novo repórter para os jornalistas de matérias tradicionais estava na apuração. Era preciso “bater também na porta do que vai dar na cabeça do entrevistado”. Wolfe destaca a importância da profundidade de apuração e de informações a serem utilizadas no trabalho jornalístico.

Só através das formas mais investigativas de reportagem era possível, na não-ficção, usar cenas inteiras, diálogo extenso, ponto de vista e monólogo interior. Por fim, eu e outros seríamos acusados de “entrar na cabeça das pessoas”... Mas, exatamente! Entendi que essa era mais uma porta em que o repórter tinha de bater. (WOLFE, 2005, p.38).

Joaquim Ferreira dos Santos apresenta alguns tópicos para se fazer um Novo Jornalismo real.

1 – Não há nenhuma lei que diga que o narrador tem que falar em tom bege ou no jornalês convencionado de Nova York. Se a história era sobre um contrabandista de bebida de Ingle Hollow, ele tentava incorporar aquela fala para passar a impressão de que olhava a cena como alguém que estava dentro dela.

2 - Mude o ponto de vista quantas vezes quiser, sempre para lutar contra a monotonia do olho único do jornalista que guia a história. Vá para dentro das órbitas oculares das pessoas da história e, a partir daí, conte o que vê.

3 – Para conseguir tudo isso, só existe um jeito. Entrevistar exaustivamente cada um desses guias e saber com profundidade o que ele viu. É o Jornalismo de Exaustão. Tudo interessa.

4 – Avançar sobre os limites convencionais do jornalismo e, quando alguém falar em “pirâmide invertida”, dizer que isso só funciona nos jornais do Cairo.

5 – Passar dias, às vezes semanas, com as pessoas as quais vai escrever. O Novo Jornalismo procura o mesmo material que o jornalista convencional, e quer ir além. Quanto mais cenas você vivenciar do seu personagem, melhor.

6 – Tentar estar sempre nos locais quando ocorrerem as cenas dramáticas, para captar o diálogo, os gestos, as expressões faciais, os detalhes do ambiente.

7 – Dar a descrição objetiva completa, e mais alguma coisa que os leitores sempre tiveram de procurar em romances e contos, como a vida subjetiva ou emocional dos personagens.

8 – Usar diálogo extenso, pontos de vista e monólogo interior. Entrar na cabeça das pessoas. É mais uma porta em que o repórter tem que bater.

9 – Tom Wolfe faz uso exuberante de pontos, travessões, pontos de exclamação, reticências, e até de pontuações que nunca existiram. Ele acha que são sinais que dão a ilusão de alguém não só falando, mas também pensando. Graficamente é também uma maneira de incorporar um ruído visual e mexer com a mente do leitor.

10 – Desconheça definições do gênero “isto é um artigo”, “isto é uma crônica”. Tom pegou todos os gêneros para si, na geléia geral que o Novo Jornalismo anunciou. (WOLFE, 2005, p. 240-241).

4.1 – JORNALISMO LITERÁRIO

Jornalismo literário é uma forma de abrir mão da apuração ética e com critérios? Muitos poderiam defini-lo dessa forma, mas deve-se entender que ele possui ferramentas que ampliam a capacidade do repórter em captar a realidade com mais profundidade. Utilizando-se também dos recursos oferecidos pela literatura, o jornalismo literário permite a construção de narrativas mais atraentes. Os textos tornam-se, assim, mais envolventes, criativos e humanizados. O veículo por excelência, hoje, dessa forma de fazer jornalístico é o livro-reportagem.

O gênero faz parte do que se convencionou definir como uma evolução da literatura. Ele foi inspirado no realismo social, na literatura de relato e nas manifestações literárias com caráter factual e informativo – e, portanto, jornalístico. Pode ser caracterizado pelo uso de técnicas da literatura na captação, redação e edição de reportagens e ensaios jornalísticos.

O jornalismo literário, de acordo com o diretor de redação do Estado de S.Paulo, Sandro Vaia, é aquele em que a prioridade é “a busca do estilo na narrativa, e que foge à definição da estrutura tradicional de uma matéria jornalística e não se preocupa em seguir os preceitos clássicos, que são os de responder às perguntas o que, quem, como, quando, onde, por quê”.

O lead, de certa forma, “trava” as produções jornalísticas de cunho literário. De acordo com Sérgio Vilas Boas, o jornalismo literário poderia contribuir para um jornalismo mais interessante

com as reportagens especiais (mas não estou me referindo a "notícias alongadas para publicar no fim de semana" nem a "artigos escritos por especialistas estrangeiros traduzidos para o português"). Estou me referindo a reportagens narrativas, autorais, transparentes, algo que valha a pena guardar pelo conteúdo aprofundado, pela forma artística e pela postura de compartilhamento por parte do repórter-autor. (BOAS apud LIMA, 2006).

O Jornalismo Literário ainda não é prioridade dos meios de comunicação, principalmente os impressos, objeto deste estudo. Segundo Lima, talvez repórteres e editores não compreendam o que é o jornalismo literário, quais são as suas ferramentas e recursos de produção. Muitos ainda acreditam que, para se fazer jornalismo dito literário, é preciso espaço e textos longos. O autor afirma ser possível fazer jornalismo literário mesmo em textos curtos. Apresenta alguns exemplos, principalmente nos Eua, berço do New Journalism. Um desses, foi uma pesquisa realizada pela Associação Americana dos Editores de Jornais. Ela procurou

descobrir quais os motivos dos jornais perderem leitores. Dois fatores, segundo o autor, são importantes para que se perceba o que, na verdade, o público espera dos jornalistas.

A primeira coisa que descobriram é que o lead, a essência de uma informação logo no primeiro parágrafo, ao contrário do que os editores pensam, não mantém a atenção do leitor. Com uma abertura de matéria mais empolgante ou com a utilização da figura humana, as pessoas passam a se lembrar dela dois ou três dias depois, com mais facilidade. O jornalismo literário é importante porque apresenta por base algo essencial e comum em todas as sociedades e todas as culturas: contar histórias. A segunda coisa que os editores descobriram é que, na imprensa cotidiana, normalmente é dado muito destaque às celebridades e pouco às pessoas de carne e osso, do cotidiano. A vida da sociedade é conduzida pelas celebridades, mas em maior porcentagem pelas pessoas anônimas.

Uma outra descoberta feita pela pesquisa foi a aceitação do público na veiculação de matérias longas em série. Para que isso possa acontecer, uma alternativa seria

separar dois ou três profissionais para todos os dias na reunião de pauta um repórter ser escolhido para sair a campo junto com o editor para fazer determinada matéria que mereça destaque. O repórter do dia-a-dia vai fazer a matéria normal e o repórter de jornalismo literário vai encontrar um ângulo diferente, de valor humano. Por exemplo, houve um grande acidente na cidade. Então, sai um repórter de cidades, que faz a matéria convencional, e um de jornalismo literário, que vai procurar um ângulo humano. Digamos que seja alguém que estava passando diante de um prédio quando viu a primeira labareda de incêndio. Essa pessoa largou o carro e entrou no prédio e se transformou no herói anônimo da situação. O jornalista vai explorar essa pessoa, quem ela é, o que foi que a moveu a fazer esse gesto heróico. O repórter faz isso todos os dias num espaço curto, mas ele já dá esse diferencial, com ângulo mais rico. É uma questão dos editores conhecerem melhor o jornalismo literário e usando bom senso e criatividade para descobrir formas adaptáveis à substância específica de cada veículo. (LIMA apud VIEIRA, 2006).

Alguns autores já foram destaque na produção do Jornalismo Literário no Brasil: as reportagens de Euclides de Cunha e de João do Rio e algumas matérias de O Cruzeiro, Realidade e Jornal da Tarde. Segundo Lima, João do Rio foi um grande precursor do Jornalismo Literário; ele já buscava, no início do século XX, um jornalismo com a aplicação da linguagem literária. Ainda segundo o autor, ele foi o descobridor de horizontes possíveis

da reportagem de campo no espaço urbano(...). Fez um jornalismo que seria as vigas de sustentação do jornalismo interpretativo: a contextualização, a busca de antecedentes e a humanização(...)

Outro grande precursor foi Euclides da Cunha, na cobertura da Revolta de Canudos, em 1897, na Bahia, como correspondente do Estado de São Paulo. Mesmo que *Os Sertões*, fruto de suas apurações no *front*, não possa ser enquadrado como um livro-reportagem, o autor foi um desbravador das fronteiras da narrativa, tendo como cenário o sertão agreste inconquistado pelas lentes da mente intelectual.

Hoje, segundo Lima, alguns jornalistas se destacam no exercício do jornalismo literário, mais vivo e dinâmico. Caco Barcellos, com o livro *Abusado*, seria um exemplo de grande profissional do jornalismo literário. Segundo Boas, existem coleções de livros clássicos de Jornalismo Literário à disposição; há cursos específicos, como o da Associação Brasileira de Jornalismo Literário (ABJL); há portais, como o Texto Vivo, que veiculam reportagens especiais e perfis fora do padrão atual, que giram em torno do trinômio estatística-celebridade-performance; jornais, como o Zero Hora e o Correio Brasiliense, que têm apresentado experiências interessantes com pautas, métodos e escritas; muitas faculdades de jornalismo que incorporam a disciplina jornalismo literário em seus currículos. Ele destaca que essas experiências seriam formas de renovação do jornalismo impresso, para uma maior aproximação do jornalista com seu mediador: o leitor.

4.2 - O NOVO JORNALISMO NO BRASIL - REVISTA REALIDADE

No Brasil, o New Journalism fez parte de um movimento paralelo da década de 60, com a revista “Realidade” e o “Jornal da Tarde”. Ambos publicavam reportagens que se

aproximavam da literatura. De acordo com J. S. Faro, a partir da publicação da revista Realidade, percebeu-se que o jornalismo ganhou dimensões sociológicas e passou a entrar no gosto do público leitor de tal forma que a partir dela os demais lançamentos buscariam pautar seu estilo, sua profundidade e suas características.

Na época, segundo Faro, a revista foi a correspondente no jornalismo impresso de um conjunto de manifestações investigadoras e denunciadoras de nossa vida social e política.. O Brasil acabava de sair do período desenvolvimentista e industrializante de Juscelino; a juventude optava por novas manifestações artísticas e culturais como a Bossa Nova, o Cinema Novo, a música popular brasileira, os movimentos de vanguarda; o país entrava no período da ditadura, onde as formas de expressão estavam sendo podadas e clamava-se por visibilidade através das mídias alternativas. O mundo também passava por um processo que favorecia o surgimento de formas de comunicação contestadoras do poder vigente: Guerra Fria, a corrida espacial, o movimento hippie, as novas propostas de liberação sexual, entre outros.

Percebeu-se, assim, que a simples objetividade da informação não atendia ao ritmo acelerado de transformações da qual a sociedade participava. Dessa forma, segundo Faro, a revista surgiu para atender a essa demanda de um público letrado que se deslocava frente à variedade de conflitos existentes, “chocando-se com os limites do discurso racionalista, sempre padronizado pela imprensa”. Mais do que atender aos interesses do público, a década de 60 também foi palco para que os jornalistas passassem a questionar “sobre a inocuidade do padrão objetivo de transmissão da informação. (...) As questões culturais colocadas socialmente para a intelectualidade exigiam o rompimento com as regras tradicionais de reportar” (FARO, 1998, p.50).

Edvaldo Pereira Lima aponta algumas características de Realidade para explicar os motivos da revista ter se tornado um marco na história do jornalismo brasileiro. Também

explica como ela passou a aplicar o realismo social e algumas características da linguagem literária em suas reportagens. A revista apresenta uma universalidade temática ampliada. Ela

ajuda o leitor a descobrir o Brasil em suas múltiplas facetas nos diversos campos da atividade econômica, da produção artística, da existência social, do comportamento humano, da condição religiosa, da disputa política, da arena esportiva. (...) quer também desvendar como se fazem as coisas – a telenovela, o jornal de todo dia, o preparo dos campeões de boxe na academia, a corrida contra a morte no pronto-socorro do grande hospital. Fala do candomblé e da parteira, do torcedor da arquibancada e do jogador de sinuca, mas também da voz ao cardiologista e ao cientista, ao indigenista e ao matemático moderno. (LIMA, 2004, p.225)

Também não se prende ao fato diário; da ocorrência passa a permanência. Os temas não se mostram como fatos isolados, mas partes de uma situação. Ela se mostra precursora na publicação de matérias científicas, com linguagem acessível ao público e também em enquetes e pesquisas de opinião e em edições especiais.

A revista mostra ainda a captação cálida do real, na medida em que o repórter “vai ao encontro do universo que tem de cobrir, mistura-se com ele, confunde-se até onde é possível, para captar pelo cérebro e pelas entranhas, pela emoção e pela razão, as componentes lógicas e subjetivas da vida(...)”.

A produção de matérias, a partir da utilização da linguagem literária, também foi muito utilizada. Lima afirma que ela não chegou a atingir o grau de experimentalismo do new journalism, mas foi um momento de ruptura com os padrões de jornalismo vigentes. O texto jornalístico apresentou força de expressão, já que adaptou características da literatura: utilizavam-se do ponto de vista na terceira pessoa, como narradores oniscientes ou na primeira, como participantes dos fatos; davam ênfase na ação e também no ambiente e outras características próprias da literatura.

Mas, por que hoje praticamente não se percebe essas manifestações pela mídia impressa? Apenas alguns poucos jornalistas fazem o jornalismo dessa forma, principalmente por meio do livro-reportagem. Vive-se um período de mazelas políticas, sociais, econômicas e

culturais no país; por que não mostrá-lo ao público de uma maneira mais humanizada e próxima? Por que a mídia, principalmente a imprensa, não aproveita disso e aplica diariamente o jornalismo literário? A verdade é que o New Journalism não encontrou esse espaço para consolidação e sobrevivência, no Brasil. José Arbex Jr., editor especial da revista “Caros Amigos” e professor de História da Imprensa Brasileira na Faculdade Cásper Líbero, destaca que a cultura jornalística no Brasil ainda não é forte e densa, atraindo poucos consumidores (diferentemente do que acontece nos EUA, onde o New Journalism foi consolidado). Destaca também que vive-se um “monopólio da informação”, detido pelos donos das principais empresas jornalísticas, que permitem aos restritos sete milhões de leitores de jornais, acesso às notícias.

Já o editor de internacional da revista *Época*, Igor Fuser, acredita que ainda há outros motivos para o New Journalism estar praticamente extinto no Brasil. Afirma que os “editores dos grandes jornais e revistas acreditam que o leitor atual não tem tempo para reportagens gigantescas lavradas em linguagem pouco objetiva, que só vai explicar a que veio lá pela metade”. Além disso, demonstra que a empresa jornalística percebida hoje, “na linha de montagem que marca o processo de elaboração das matérias, ninguém mais se permite o luxo de alocar um bom repórter para ficar um mês inteiro mergulhado numa única pauta”.

O jornalismo não conseguiu manter sua veia literária com as publicações no jornalismo diário (no caso do *Jornal da Tarde*) e periódico (revista *Realidade*). O maior envolvimento com o fato foi alcançado através da ascensão, no mercado editorial, dos livros-reportagens. De acordo com Lima (2004), esse é

fruto da inquietude do jornalista que tem algo a dizer, com profundidade, e não encontra espaço para fazê-lo no seu âmbito regular de trabalho, na imprensa cotidiana. Ou é fruto disso e (ou) de uma outra inquietude: a de procurar realizar um trabalho que lhe permita utilizar todo o seu potencial de construtor de narrativas da realidade. O jornalismo oferece ao profissional de talento e fôlego para o aprofundamento, inúmeras possibilidades de tratamento sensível e inteligente do texto, enriquecendo-o com recursos provenientes não só do jornalismo mas também da literatura e até do cinema(...). (LIMA, 2004, p.33)

4.3 – O LIVRO-REPORTAGEM

O livro-reportagem, como veículo de excelência da utilização do jornalismo literário, apresenta certas características que o colocam com um “grau de amplitude superior”, segundo Lima. Ele se apresenta como um produto híbrido: compreende a literatura, o jornalismo e mercado editorial. O autor expõe que o livro-reportagem se distingue das demais publicações classificadas como livro quanto à três fatores essenciais: o conteúdo, já que ele aborda o real, o factual, mesmo que em uma abordagem extensiva desses fatos; o tratamento, entendido como linguagem, montagem e edição do texto, com caráter jornalístico, mesmo com a presença de recursos próprios da literatura; função, com o objetivo de informar, orientar e explicar de forma mais aprofundada ocorrência sociais, episódios factuais, acontecimentos duradouros, situações, idéias e figuras humana.

O livro-reportagem amplia a informação, na medida em que mostra ao leitor o sentido e a direção dos eventos e traduz o seu significado, contribuindo para que esse consiga ler a sua realidade. Mesmo que parte da comunicação jornalística, ele é único, já que se apropria dos recursos técnicos do jornalismo e o transcende, com a utilização da arte literária. Ele também prolonga a existência dos acontecimentos; “ressuscita” o passado e o ajuda a ter uma sobrevida. Lima apresenta que o livro-reportagem “permite o retorno ao *que já foi* para lhe posicionar em termos do que este *representa hoje*, transformado, reequipado de nova vestimenta”. Isso é importante para que o leitor possa apreender o que mais lhe interessar em um acontecimento de impacto em seu cotidiano.

Ele apresenta liberdades no tratamento ao material jornalístico, entendida como a própria realidade: liberdade de fontes, não se prendendo somente à fontes institucionalizadas; liberdade temporal, com o resgate do passado para explicação do presente e futuro; liberdade

do eixo de abordagem, explicando a realidade de diferentes ângulos; liberdade de propósito, caracterizada por abrangência de informações.

Cremilda Medina destaca que as empresas jornalísticas não dão tanto espaço às grandes reportagens, já que o que importa é a apresentação dos fatos da forma mais sintética possível, como no caso das notícias. Assim, elas se apresentam superficiais, não atendendo às necessidades dos leitores em conhecer profundamente a realidade na qual vivem.

Com essa conjuntura, a grande reportagem está cada vez mais relegada a uma ilha dentro do jornal diário, e mesmo no jornal semanal, nas revistas. Atrofia-se em função da grande massa de informações que são resolvidas pela fórmula notícia mais tradicional possível, que é a pirâmide invertida. Com isso, a grande reportagem briga por um espaço nobre (...) esse espaço nobre passa a ser o livro, um espaço de relativa independência em relação à estrutura empresarial, jornalística, e também um espaço de certa perenidade, porque combina as possibilidades de aprofundamento da grande-reportagem. (MEDINA apud LIMA, 2004, p. 33)

Dessa forma, essa prática jornalística se tornaria uma alternativa para a renovação do jornalismo cotidiano. A condição de criatividade aberta do autor poderia ser utilizada como um anúncio do grande potencial para a transformação do jornalismo em um futuro próximo. O jornalista, assim, precisaria romper o caráter empobrecedor da objetividade e da narrativa convencional. De acordo com Lima, o jornalista teria que agir como um pesquisador: “nenhum detalhe, nenhuma personagem, nenhuma causa e nenhum efeito poderiam estar fora do texto; nenhuma relação entre eles poderia deixar de ser feita sob nenhum ângulo. Também precisaria se utilizar da “introdução de elementos que vinham marcados pela verossimilhança e por seu sentido ficcional, instrumentos que asseguravam a apropriação do caráter diverso e multifacético do real”.

5 – UM OLHAR SOBRE A PRODUÇÃO DE GARCÍA MÁRQUEZ

A coisa mais importante deste mundo é o processo de criação. Que tipo de mistério é esse, que faz com que o simples desejo de contar histórias se transforme numa paixão, e que um ser humano seja capaz de morrer de fome, de frio ou do que for, desde que seja capaz de fazer uma coisa que não pode ser vista, nem tocada, e que afinal, pensando bem, não serve para nada? Algumas vezes acreditei – ou melhor, tive a ilusão de estar acreditando – que ia descobrir, de repente, o mistério da criação, o momento exato em que uma história surge. Mas agora acho cada vez mais difícil que isso aconteça (MÁRQUEZ, 1996, p. 14-15).

Gabriel García Márquez, além de um grande nome da literatura latino-americana, no gênero realismo-fantástico, é um jornalista. Dessa maneira, para análise da linguagem literária em textos jornalísticos, o autor se enquadraria por se inserir nos dois campos de estudo. Quando jovem, trabalhou como colunista, a exemplo de outros escritores como Jorge Luiz Borges e Alejo Carpentier, e também como repórter investigativo para os jornais colombianos *El Universal*, *El Heraldo* e *El Espectador*. Também escreveu para as revistas *Momento* e *Venezuela Gráfica* e para a agência cubana de notícias Prensa Latina.

De acordo com Heloiza Golbspan Herscovitz, o conceito de notícia na América Latina era entendido como uma corrente de opinião, e o jornalista considerava-se um intérprete de eventos. Na maioria dos países latino-americanos, a imprensa seguiu um modelo de jornalismo francês, mesclando ativismo político e literatura. Não existia uma separação definida entre jornalismo e literatura. A profissão era descrita como uma arte e/ou missão.

Dessa forma, o jornalismo realizado por Márquez recebeu muitas críticas, já que não seguia o modelo de objetividade adotado pelos norte-americanos. Ainda segundo Herscovitz, críticos destacavam que o jornalismo de Garcia Márquez de 1948 a 1955 não apenas estabeleceu as bases de seu trabalho literário, como também definiu o que seria o seu estilo singular de reportagem. Não só Márquez, mas outros jornalistas latino-americanos que entraram para a profissão entre 1940 e 1970, adotaram o estilo do intelectual: eles, além de reportarem os fatos, eram críticos do que acontecia; tinham uma visão independente,

mostrando para o seu público a interpretação do que ocorria e eram defensores das causas sociais. Isso seria prova da importância do jornalista para a sociedade como um defensor do bem comum.

A aplicação da literatura no jornalismo feita por Márquez estaria bem clara, na medida em que o escritor distancia-se da idéia de objetividade, porque não se mostrava tão interessado na seqüência lógica da realidade. Ele sentia-se livre para contar as emoções humanas e o impacto de forças impessoais como a tecnologia ou a crise econômica na vida das pessoas. Demonstrava assim, a importância da subjetividade para a construção de um jornalismo mais próximo e que poderia fazer parte da realidade da sociedade. Estes elementos, na opinião de Carey citado por Herscovitz (2003), são os que realmente dão forma aos eventos, mostram a tradição do jornalismo latino-americano, que contrasta com o jornalismo norte-americano, mais interessado em encontrar explicações lógicas e racionais para desvendar o caos, a realidade múltipla e fragmentada.

Herscovitz (2003), a partir da leitura de Oberhelman, observa que a subjetividade e a participação de Márquez em suas reportagens faziam com que o jornalismo e a ficção olhassem a realidade sob o mesmo ângulo. McNerney, citado pela autora, mostra que o escritor faz uma interpretação suspeita da realidade com o propósito de oferecer aos leitores uma percepção irracional da realidade.

Herscovitz destaca que a produção jornalística de 1947 a 1960, reunida em cinco volumes intitulados *Obra Periodistica*, publicados em 1982, aponta na direção de McNerney. Em muitos destes textos jornalísticos, Garcia Márquez aponta a realidade como parte de um realismo fantástico, deixando de lado a objetividade. Mas, isso não importa dizer que toda a sua obra como jornalista tenha sido inventada. Ocorreu uma reformulação, segundo o próprio autor, do que seria o seu modo próprio de jornalismo:

Ele [o personagem principal de 'Relato de um Naufrágo'] me contava a história e eu o escutava como um psicanalista. Sabia que havia furos na história do ponto de vista literário. Baseando-me em minhas anotações, reconstruí a aventura. Nenhuma única frase de "Relato de Um Naufrago" pertence ao marinheiro Velasco, mas toda a informação veio dele. Minha tarefa foi conferir um enquadramento literário à história, dando-lhe estrutura, estilo e a atmosfera necessária para interessar ao leitor (SIMS apud HERSCOVITZ, 2003).

O estilo de escrita de Márquez, de acordo com Sims, se situa entre combinação da reportagem factual e a técnica literária em seu trabalho. Estaria, portanto, criando "um estilo híbrido que alterna jornalismo literário e literatura jornalística" (SIMS apud HERSCOVITZ, 2003). Segundo Weber, citado por Herscovitz (2003), *o new journalism* apresentava duas vertentes de narrativa documentada. Em uma, o escritor tratava o fato simplesmente como evento e não tirava conclusões sobre as informações investigadas; por outro lado, o escritor explorava os significados do fato através da seleção, ordenação e interpretação, utilizando técnicas literárias. Por isso, Márquez se apresentava com um estilo próprio de criação jornalística utilizando-se de recursos literários. O autor não deixa de utilizar os quatro mecanismos apresentados pelo escritor norte-americano, Tom Wolfe, para construção do jornalismo literário: a construção de cena por cena, a reprodução de diálogos, o ponto de vista de terceira pessoa e o relato dos hábitos, costumes e comportamento das pessoas.

Por exemplo, em seu livro *Crônica de Uma Morte Anunciada*, ele explora os significados de um evento ocorrido, mas o transcende na medida em que acrescenta à trama sua dose de linguagem e estilo literário, como fluxos de consciência, diálogos e figuras de linguagem. Isso também é observado em *Notícia de um seqüestro*, livro utilizado para análise nessa busca pela importância e influência da linguagem literária no jornalismo. O livro-reportagem narra o seqüestro de figuras políticas na Colômbia pelas Farc. Nada é inventado; o jornalista-escritor utiliza-se de técnicas da narrativa jornalística e literária para construção da obra. Garcia Márquez não escreve a narrativa como se a história fosse estática; ele adiciona interpretação e imaginação à trama, sem porém, fugir da realidade.

A escolha do livro-reportagem *Notícia de um seqüestro* serviria para demonstrar, assim, como o jornalismo pode se valer da linguagem literária para construção de textos que fugiriam do “jornalismo nosso de cada dia”, sem no entanto, se distanciar da ética do jornalista em escrever a verdade. Segundo o próprio autor, no prólogo do livro:

Entrevistei todos os protagonistas que pude(...) Minha única frustração é saber que nenhum deles encontrará no papel nada além de um pálido reflexo do horror que padeceram na vida real. Sobretudo as famílias das duas reféns mortas(...), cujas entrevistas foram para mim uma experiência humana dilacerante e inesquecível. (MÁRQUEZ, 1996, p.6)

5.1 – DESCOBRINDO *NOTÍCIAS DE UM SEQUESTRO*

O livro *Notícia de um Seqüestro* apresenta a história de 10 seqüestros simultâneos na Colômbia em 1990, a mando do “cabeça” do cartel de Medellín, Pablo Escobar. Ele retrata todo o jogo político colombiano, a utilização dos meios de comunicação como forma de apoio aos seqüestrados; as relações pessoais entre as famílias dos seqüestrados; o dia-a-dia das vítimas, através de relatos dos sobreviventes e da obtenção de diários escritos no cárcere; o estreitamento das relações com seus carcereiros e a descrição detalhada de todo o processo de rendição de Escobar.

O objetivo dos chamados “Extraditáveis”, com a onda de seqüestros de figuras influentes da Colômbia como parentes de políticos e jornalistas, era forçar o governo do presidente César Gaviria a acabar com a política de extradição de traficantes que existia na Colômbia. Essa permitia que cidadãos colombianos fossem mandados aos EUA e lá julgados por seus crimes, com penas muito mais severas. O desespero deles era tanto que Pablo Escobar tinha um lema: "Preferimos um túmulo na Colômbia a uma cela nos Estados Unidos”.

Gaviria tentou aplicar a idéia de quem se entregasse aos juízes e confessasse alguns ou todos os delitos poderia obter como benefício principal a não-extradição. Mas, um dos primeiros seqüestros aconteceu após três semanas da posse do presidente: Diana Turbay, diretora do telejornal *Criptón* e da revista *Hoy x Hoy* e filha do ex-presidente da República Julio César Turbay. Traficantes se apresentaram como enviados do padre Manuel Pérez, o comandante supremo do Exército de Libertação Nacional (ELN) para uma entrevista exclusiva. Diana e sua equipe de cinco profissionais viajaram, alimentados pela farsa, que só viria a ser descoberta quando o jornalista alemão Hero Buss olha para o pulso de um dos guias: "Quer dizer então que o ELN já está usando Rolex?".

As outras duas seqüestradas foram a diretora da entidade cinematográfica Focine, Maruja Pachón e sua cunhada e assistente pessoal, Beatriz. Um outro seqüestro que, a princípio, acreditavam que nada tinha a ver com a onda que acontecia na década de 90, foi o de Marina Montoya. O chefe de redação de "El Tiempo", Francisco Santos, também foi seqüestrado.

Eric Nepomuceno, tradutor do livro, afirma que Márquez sempre demonstrou convicção em suas obras de ficcionista. Já em *Notícia de em seqüestro*, um livro jornalístico, uma reportagem, ele esbanja talento literário. "Nada do que está neste livro foi inventado. (...) O que temos aqui é um autor em pleno domínio de suas ferramentas: a escritura solta, o preciosismo verbal e a frase trabalhada à exaustão".

De acordo com José Geraldo Couto, ao analisar essa obra de Garcia Márquez, o livro "eleva a reportagem a grande gênero literário, já que embora se colocando 'a serviço' do jornalismo, o que ele faz é chamar a atenção para a importância das técnicas literárias". Márquez juntou extenso e minucioso material sobre os personagens e as situações. Colocou em seu texto os dons de ficcionista e construiu, ainda segundo Couto, "um texto robusto do ponto de vista da informação e vibrante do ponto de vista da narração".

José Castello destaca que o livro é prova cabal do vigor do jornalismo, em particular da grande reportagem, gênero tido hoje como decadente e fora de moda. Além disso, afirma, ele é um retrato expressivo da Colômbia contemporânea, onde traficantes invocam o status de guerrilheiros e clamam pelos direitos humanos, políticos corajosos são obrigados a pagar o preço da submissão, juristas respeitáveis se submetem às leis mais sólidas do submundo e carcereiros choram como crianças no peito de seus seqüestrados.

Reconfortante saber, enfim, que a literatura não perdeu seu poder de fogo, que ainda serve para nos despertar e inquietar. Só um grande escritor como García Márquez seria capaz de deixar a ficção de lado, defrontar-se com a realidade mais bestial e nos oferecer, na volta, um pequeno tesouro. (CASTELLO, 1996).

5.2 – A OBRA

O livro *Notícia de um seqüestro* poderia ser considerado como um exemplo da influência da linguagem literária em um estilo próprio de se fazer jornalismo: o livro-reportagem. Ele seria importante para se perceber a utilização de um meio literário, o livro, para escrever um texto jornalístico, não deixando de utilizar a linguagem literária. De acordo com Lima,

livro-reportagem é parte do mundo do jornalismo, mas possui sua própria autonomia, que exatamente lhe possibilita experimentações (...). Por isso, penetra num território novo, podendo transcender o jornalismo (...), gerar um novo campo, que os nortes-americanos já denominam literatura da realidade. (LIMA, 2004, p. XIV)

O livro-reportagem passa a ter uma abordagem interdisciplinar, integrando elementos do jornalismo, da literatura, da antropologia, da sociologia, da história, da psicologia; ele é um meio próprio de narrar histórias e registrar a realidade desafiadora da sociedade como um todo. Dessa forma, o estudo de caso do livro em questão refletiria o papel

de elementos literários no jornalismo e discutiria sua viabilidade como alternativa para o jornalismo diário, atendendo às necessidades de abordagens mais complexas da realidade. Para isso, algumas ampliações de apuração são utilizadas no livro-reportagem:

1 - O contexto do fato, para que os leitores possam ter uma visão clara de tudo o que determina cada situação. Em *Notícia de um seqüestro*, Márquez, no quarto capítulo, analisa a situação política da Colômbia para que o leitor possa entender a inserção dos dez seqüestros dentro de um contexto. Dessa forma, o leitor teria uma forma de refletir sobre tais acontecimentos. Por exemplo, “Assim, o seqüestro dos jornalistas foi uma reação à idéia que atormentava o presidente César Gaviria desde que era ministro de Virgilio Barco: como criar uma alternativa jurídica à guerra contra o terrorismo?” No segundo capítulo, também apresenta um exemplo: “O motivo principal dessa guerra era o terror que os narcotraficantes sentiam diante da possibilidade de serem extraditados para os Eua(...)”.

2 – Os antecedentes, para o resgate no tempo das origens do problema. Márquez utiliza esse recurso durante toda a sua narração, já que para explicar o seqüestro de cada um dos jornalistas, ele precisa explicar o que se passou na vida de cada um e o porquê de terem sido os escolhidos. “A Colômbia na havia tomado consciência de sua importância no tráfico mundial de drogas(...)” (p.27). “Escobar exigiu através de seus advogados que a não-extradição fosse incondicional, que os requisitos da confissão e da delação não fossem obrigatórios, que a cadeia fosse invulnerável e que suas famílias e seus seguidores recebessem garantias de proteção. Para conseguir tudo isso – com o terrorismo em uma mão e a negociação na outra -, iniciou uma escalada de seqüestros de jornalistas pra forçar o governo na queda-de-braço” (p.28).

3 – O suporte especializado, através de enquetes, pesquisas ou entrevistas com especialistas e testemunhas, para que o relato tenha sustentação. Márquez, nos agradecimentos iniciais, destaca como foi realizado o livro: “(...) o trabalho previsto para um

ano prolongou por quase três, sempre com a colaboração cuidadosa e oportuna de Maruja e Alberto, cujos relatos pessoais são o eixo central e o fio condutor deste livro” ou “Entrevistei todos os protagonistas que pude, e em todos encontrei a mesma disposição generosa de perturbar a paz de sua memória e reabrir para mim as feridas que talvez quisessem esquecer”.

4 – A projeção, buscando nos fatos do passado e presente, as possíveis conseqüências para o futuro. Márquez a exemplifica nos últimos capítulos do livro, através dos acontecimentos com Escobar e os seus comandados.

5 – O perfil, caracterizado pela humanização da reportagem, colocando o homem como centro da narrativa. O livro todo destaca as características de cada uma dos seqüestrados e seus dias de cárcere.

Notícias se caracteriza por ser um tipo de livro-reportagem denominado de “action story” com o desenrolar dos fatos, de uma maneira movimentada. De acordo com Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari, a narrativa começa “sempre pelo fato mais atraente, para ir descendo aos poucos na exposição dos detalhes, de tal sorte que o leitor fica envolvido com a visualização das cenas, com num filme”.

Ele também pode ser caracterizado a partir dos objetivos particulares, específicos com que o livro desempenha seu papel narrativo, com a função de informar e orientar os leitores com profundidade. Não se pode, entretanto, classificá-lo de uma maneira fechada, já que o livro-reportagem se mostra flexível e também bastante criativo.

Poderia ser analisado como um livro-reportagem-depoimento a partir de seu conteúdo, já que, de acordo com Lima, “reconstitui um acontecimento relevante, de acordo com a visão de um participante ou de uma testemunha privilegiada”. No livro, são as visões dos participantes dos seqüestros e dos envolvidos politicamente que dão o embasamento para Márquez escrever. Pode ser caracterizado também como livro-reportagem-história, na medida em que apresenta um tema relevante no passado, mas com desdobramentos atuais: “Focaliza

um tema no passado recente ou algo mais distante no tempo. O tema, porém, tem em geral algum elemento que o conecta com o presente, dessa forma possibilitando um elo comum com o leitor atual”. Também apresenta características do livro-reportagem-denúncia, já que apresenta um propósito de refletir sobre os acontecimentos que acometeram a Colômbia, de uma maneira investigativa, focalizando os escândalos que acometeram a sociedade do país.

As histórias de vida dos atores sociais dos relatos no livro-reportagem foram utilizadas como suporte de pesquisa, já que se apresentaram como base para realização de todo o relato do livro. A observação participante do autor também é característica, já que ele “observa” tudo o que acontece e pode formar juízos de valores sobre os fatos. Essa característica tem como ápice o New Journalism porque, segundo Wolfe, o processo de captação atingiu um nível só observado na melhor literatura de ficção. A memória, utilizada como um recurso, resgata com riqueza os acontecimentos psicológicos e sociais dos personagens envolvidos. Lima reflete que

pela reconstrução que faz o narrador, é ultrapassado o limite seco, diminuto, da informação concreta nua e chega-se a uma dimensão superior de compreensão tanto dos atores sociais como da própria realidade maior em que se insere a situação examinada. (LIMA, 2004, p.127)

Assim, poderia ser percebida que a linguagem literária não se distancia, em muitas partes do livro, dos relatos objetivos do texto. Ela se mostra sempre inserida, seja através das adjetivações constantes; dos sentimentos dos personagens transcritos, como na página 17, em que percebemos nitidamente as emoções: “A sensação de sufoco desapareceu, e ficou apenas a incerteza. Maruja assumiu uma atitude ensimesmada que poderia ser confundida com um completo abandono, mas na realidade era sua fórmula mágica para superar a ansiedade”. Ou na página 10: “Estava trêmula, mas firme. Convencida de que era um assalto, tirou com dificuldade os dois anéis da mão direita e jogou-os pela janela pensando: ‘Que se danem’”.

Também através da subjetividade da narração, dos diálogos entre personagens envolvidos, mostrando a presença de um narrador onisciente, pode-se saber todos os detalhes dos seqüestros. Muitos desses são transcritos dos diários escritos por três dos seqüestrados e por relatos minuciosos dos envolvidos nos fatos, como exemplificado na página 32, a partir de anotações feitas no diário de Maruja: ‘Desde a quarta-feira 19, dia em que estive aqui o responsável por esta operação, passaram-se tantas coisas que não tenho fôlego’. Ela [Maruja] se perguntava por que seu seqüestro não havia sido reivindicado por seus autores (...)’.

Muitos não poderiam ser conhecidos sem a utilização da linguagem ficcional, mesmo que com a aplicação na maioria dos casos com o caráter jornalístico. Por exemplo, o que aconteceu com Pancho, já que ele rasgou o seu diário com detalhes do seqüestro, com detalhes na página 287: “Rasgou todas as anotações, menos três que decidiu conservar por razões que ele mesmo não conseguiu explicar”.

Ou como saber detalhes do que era falado por Escobar, na medida em que ele foi morto: “- Não se preocupe, padre – disse ele. – Se o senhor quiser eu mando busca-la”, exemplo da página 273 e “Escobar se surpreendeu, perdeu o controle por um instante e lançou um grito carregado de autoridade temível: - Abaixem essas armas, caralho! (...) Ele lhe deu um toquezinho carinhoso no ombro e disse: ‘Tranqüila, velha’”, na página 311.

Ou ainda, como saber o que Marina Montoya pensava ou sentia, já que ela também foi executada. Na página 54, temos um exemplo disso: “A chegada de outras duas reféns deve ter sido para ela como uma intromissão insuportável num mundo que já havia feito seu, e só seu, depois de quase dois meses na ante-sala da morte. Sua relação com os guardas, que tinha chegado a ser muito profunda, se alterou por causa delas (...)”.

6 – CONCLUSÃO

A principal proposta deste estudo foi encontrar uma forma de transformar o jornalismo impresso. Como mudar o modo de fazer jornalístico, sem perder sua principal característica: informar? Como reportar os acontecimentos, destacando sua significação na nossa realidade, sem apenas jogá-los ao público? Como escrever de uma forma atraente, chamando os leitores para o consumo intelectual dos fatos? Como fugir da fórmula lead + pirâmide invertida = matéria jornalística?

Uma das alternativas propostas foi a construção, mais efetiva, de matérias com nuances literárias, como as realizadas no New Journalism, nos EUA e por algumas publicações brasileiras. Pode-se observar, a partir da análise de um livro-reportagem, que o jornalismo pode (e deve) trabalhar com a literatura. E, o mais importante é que essa maneira de produzir pode dar certo, podendo, o jornalista, alcançar o objetivo de atuar como apurador e intérprete da realidade. Assim como o texto literário, o texto jornalístico apresenta associação entre as representações de realidades físicas, sociais e emocionais, traduzidas pelas palavras. Precisa-se entender o texto jornalístico não apenas como língua, que se restringe à linguagem das comunidades e representa os fatos e situações específicas. Para transformá-lo, deve-se aplicar as dimensões dos elementos presentes na nossa natureza, desdobrando os fatos e proporcionando a seu público-leitor o real entendimento do que acontece, como ocorre no contato com a literatura.

Somente com ousadia e com vontade de transformação, é possível investir em uma expressão mais original para a produção de matérias em uma mídia impressa. As formas de linguagem e expressividade de um texto literário poderiam ser aplicadas às produções

jornalísticas, conferindo ao texto mais plasticidade, mas aproximação com a realidade sem contudo, deixar de apresentar o mais importante e relevante dos acontecimentos.

O texto jornalístico deve ter suas pulsações internas, como observadas nos textos literários. Precisa ser os olhos, ouvidos e boca de toda a sociedade que representa. O jornalista, e conseqüentemente, seus textos precisam se prestar ao papel de ação dos intelectuais, dando voz à uma sociedade que historicamente não faz parte da verdadeira democracia, aquela na qual todos têm acesso à real educação. Sem a tríade jornalista/texto/leitor, o jornalista vai continuar a ser um mero “reprodutor” de notícias. Assim, não conseguirá cumprir seu real compromisso social: atuar como poder fiscalizador de toda a sociedade.

7 - REFERÊNCIAS

- ARBEX Jr, José. In: Aline Luiza e Lucas Toyama. **Um jornalismo muito humano**. Disponível em: <http://www.facasper.com.br/jo/reportagens.php?tb_jo=&id_noticias=55>. Acesso em: 05 agosto 2006.
- ALVES, Rubem. **Livros para serem furtados**. Folha de São Paulo, São Paulo, 9 jan. 2007. Cotidiano, p. C2.
- BOAS, Sérgio Vilas. In: Paulo Lima. **O jornalismo é feito de muitos conteúdos não-noticiosos**. Disponível em: <<http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod=371AZL004>>. Acesso em 03 agosto 2006.
- BUARQUE, Cristovam. **A revolução doce**. Folha de São Paulo, São Paulo, 22 out. 2006. Tendências/Debates, p.2.
- CASTELLO, José. **Realidade fantástica**. Isto é, Rio de Janeiro, 27 nov. 1996. Disponível em <<http://www.zaz.com.br/istoe/cultura/141716.htm>>. Acesso em 26 nov. 2006.
- CIPRO NETO, Pasquale. **Gramática da língua portuguesa**. São Paulo: Scipione, 1998.
- CZARNOBAI, André. **Jornalismo Gonzo – O filho bastardo no New Journalism**. 2003. Trabalho apresentado como requisito para aprovação no Curso de Comunicação Social, Universidade do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2003. Disponível em: <<http://paginas.terra.com.br/arte/familiadacoisa/IRD/ird.html>>. Acesso em: 03 jul. 2006.
- COELHO, Nelly Novaes. **Literatura & Linguagem (A obra literária e a expressão lingüística)**. 2.ed. São Paulo: Edições Quíron, 1976.
- COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria: literatura e senso comum**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.
- COSTA, Cristiane. **Pena de Aluguel: escritores jornalistas no Brasil 1904-2004**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- COUTO, José Geraldo. **Reportagem vira ficção**. Folha de São Paulo, São Paulo, 15 nov. 1996. Disponível em: <<http://biblioteca.folha.com.br/1/10/1996111502.html>>. Acesso em 26 nov. 2006.
- CHRISTOFOLETTI, Rogério. **Nos intestinos da mídia: a prática dos observadores na internet**. Comunicação & Estratégia – Revista Digital, Santa Catarina, v.2, n.2, jul.2005. Disponível em: <http://www.comunicacaoempresarial.com.br/rev_artigos2RogérioChristofoletti.htm >. Acesso em: 29 agosto 2006.
- ECO, Umberto. **O nome de rosa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

FARO, J.S. **Raízes Culturais de Nossa Imprensa Contemporânea**. Revista de Cultura Vozes, Ano 71, nº 6, agosto de 1977. p. 32

_____. **Realidade, 1966-1968: tempo de reportagem na imprensa brasileira**. 1998. Disponível em: < <http://www.jsfaro.pro.br>>. Acesso em: 23 nov. 2006.

FOLHA de São Paulo. Manual de Redação. São Paulo: Publifolha, 2005.

GARCIA MÁRQUEZ, Gabriel. **Notícia de um sequestro**. Rio de Janeiro: Record, 1996.

_____ [et al.]. **Oficina de roteiro de Gabriel Garcia Márquez: Como contar um conto**. 2. ed. Niterói: Casa Jorge Editorial, 1996.

HABERMAS, Jürgen. **O caos da esfera pública**. Folha de São Paulo, São Paulo, 13 agosto 2006. Caderno Mais, p.5.

HERSCOVITZ, Heloiza Golbspan. **O jornalismo mágico de Gabriel Garcia Márquez**. XXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2004. Disponível em:<<http://repositorio.portcom.intercom.org.br/bitstream/1904/1245/1/R00851.pdf>>. Acesso em: 04 agosto 2006.

LEMONS, Antônio. 1992. **Leia e escolha seu título: Jornalismo x Literatura ou Jornalismo e Literatura**. Trabalho apresentado como requisito para aprovação no Curso de Comunicação Social, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 1992.

LIMA, Alceu Amoroso. **O jornalismo como gênero literário**. 2.ed. Rio de Janeiro: Agir, 1969.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Página Ampliadas: O livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. Barueri: Manole, 2004.

MENEZES, Fagundes de. **Jornalismo e Literatura**. Rio de Janeiro: Razão Cultural, 1997.

MOUILLAUD, Maurice e Sérgio Dayrell Porto (Orgs.). **O jornal: da forma ao sentido**. Brasília: Paralelo 15, 1997

ORWELL, George. **1984**. 7.ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1973.

PROENÇA FILHO, Domício. **A linguagem literária**. 6.ed. São Paulo: Ática, 1997.

PRADO, Adélia. **Bagagem**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1979.

SAID, Edward. **Representações do Intelectual**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SOUZA, Eneida Maria de. **Crítica Cult**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002.

TEXTO VIVO. Disponível em: <<http://www.textovivo.com.br/conceitos.htm#9>>. Acesso em: 3 agosto 2006.

UniFIAMFAAM. **Disciplina de Jornalismo Literário e Jornalismo Cultural**. Página eletrônica. Disponível em <<http://www.fiamfaam.br/jlc/inicio.htm>>Jornalismo Literário>. Acesso em: 26 out. 2006.

VAIA, Sandro. In: Gustavo Abdel Massih. **Há carência de talentos para exercer o jornalismo literário**. Disponível em: <<http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod=396DAC001>>. Acesso em: 29 agosto 2006.

WOLFE, Tom. **Radical Chique e o Novo Jornalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

